



Fundado no Sesquicentenário  
da Batalha do Seival

# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO  
GRANDE DO SUL

## 23 anos do IHTRGS

Ano 2009

Nº 78

### CHANANECO - DA LENDA PARA A HISTÓRIA

Cel Cláudio Moreira Bento

Em minhas andanças culturais pelo Rio Grande do Sul, como Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS e participante de encontros de Micro História do Rio Grande do Sul, liderados pelo historiador Tarcísio Taborda, recebi diversos apelos, como historiador militar, para esclarecer a história do Cel Chananeco.

Lembrei, entre outros interessados, José Garibaldi Simões, antigo delegado de Cachoeira do Sul e que avançava nesta pesquisa apoiado em fontes orais e secundárias. Lembro o pedido do saudoso tradicionalista Edson Otto (do jornal **Tradição**) e referências ligeiras de Osório Santana Figueiredo, o historiador de **Carreateadas heróicas**, que fora carreteiro em sua adolescência. A imagem que guardei de Chananeco era de um carreteiro de São Sepé que deixou sua carreta de lado e atendeu ao chamamento da Pátria, partindo com Andrade Neves para lutar na Guerra do Paraguai, terminando por se tornar lendário e mitificado em histórias que circularam pelos galpões e acampamentos de carreteiros. E muito pouco se sabia de sua história real na Guerra do Paraguai mas muito de sua lenda e mito guerreiro.

E foi justamente seu conterrâneo de São Sepé, Dr. César Pires Machado, historiador do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (da sua Delegacia, em Porto Alegre) que aceitou o desafio para separar o mito e a lenda, da História real do personagem conhecido como Cel Chananeco, em realidade Cel Vasco Antonio da Fontoura Chananeco.

E César Pires Machado, determinado, garimpou autores com escritos referentes a Chananeco. Taunay, em seu **Diário do Exército 1869-1870**. Joaquim de Azevedo Pimentel em **Episódios militares**. Dionísio Cerqueira em **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Joaquim Luiz Osório e seu irmão, Fernando Luis Osório em **História do General Osorio, 2º volume**. Jorge Reis em **Homens do Passado**. José Lins Rodrigues da Silva em **Recordações da Campanha do Paraguai**. Manoelito Macedo na **Revista do Centenário da Fundação de São Sepé**, baseada em fontes orais. Em Clemenciano Barnasque na **RIHGRGS** de 1934 p. 328-329. O General Augusto Tasso Fragoso em sua monumental **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. José Garibaldi Simões em sua plaqueta **Chananeco**, riquíssima em informações sobre o herói. O General Souza Docca em sua **História do Rio Grande do Sul**. O Cel Arthur Ferreira Filho em sua **História Geral do Rio Grande do Sul**. O General Rinaldo Pereira da Câmara em sua monumental biografia, **Marechal Câmara**. Romeu Beltrão em **O Vanguardeiro de Itororó**. Osório Santana

Figueiredo em **Carreateadas heróicas**. A Oficina Literária, em **Chananeço - a história de um carreteiro**. O Cel Pedro Paulo Estigarríbia em seu livro **Osório**. Francisco Izidoro Resquim em seu livro **Dados históricos de la Guerra del Paraguai contra la Tríplice Aliança** e Juan Crisóstomo Centurion, em **Memórias e Reminiscências Históricas em la Guerra de Paraguai**.

E, finalmente, a consulta às fontes primárias: As Ordens do Dia do Marquês de Caxias, do General Osório, do Conde D'Eu, de Andrade Neves, do General Câmara, do General Vitorino e de outros comandantes. Valiosas fontes primárias em que o autor, num esforço de crítica de fontes históricas comparou estas fontes primárias com fontes secundárias e outras produzidas pelos historiadores citados, ficando assim em condições de separar Chananeço mito e lenda do Cel Chananeço história.

E então produziu este seu modelar trabalho de historiador como já havia feito de modo admirável em seu trabalho sobre o Combate de Porongos, que para nós já havia transitado em julgado no Tribunal da História do Rio Grande do Sul, conforme abordamos no **Gaúcho** n° 32, do IHTRGS, setembro de 2006. Assunto alvo, na atualidade, de uma manipulação histórica sem precedentes, com apoio em parte da Mídia e sem direito ao contraditório.

Trabalho igualmente notável foi a participação de César Pires Machado, conterrâneo também do ilustre general que comandou o Colégio Militar de Porto Alegre por largo período, cuja vida e obra resgatamos junto com o Cel Caminha na **História do Casarão da Várzea 1885-2009**. Trata-se do Gen Ramiro da Silva Souto, que foi perenizado no nome do Estádio de Esportes defronte ao Casarão da Várzea.

César Pires Machado participou como nós e o Cel Caminha, da monumental obra **As Guerras dos Gaúchos**, organizada pelo historiador Günter Axt, com o artigo *A campanha de 1801 e a conquista das Missões*. Assunto polêmico por ter sido considerado por longos anos uma iniciativa particular de 40 aventureiros, mas em realidade uma operação camuflada, planejada e orientada a partir de Rio Pardo pelo então Coronel Patrício Corrêa da Câmara.

O precioso livro **Chananeço - da lenda para a História** é um exemplar modelo de crítica de fontes para separar a lenda da História e mais de que isto, uma notável contribuição contemporânea para auxiliar o Exército, através da AHIMTB e IHTRGS, na conquista de seu objetivo estratégico atual n° 1:

***Pesquisar, preservar, cultivar e divulgar a História, as Tradições e os Valores morais, culturais e históricos do Exército.***

Objetivo que a AHIMTB estendeu às demais forças que estuda, Fuzileiros Navais e Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares.

Talvez esteja na altura da capacidade de análise histórica do autor, estudioso de polêmicas históricas, realizar um trabalho para separar Sepé Tiarajú, que deu nome a seu berço natal, do mito e lenda para a sua verdadeira História, para concluir se ele faz jus à consagração como herói do Rio Grande do Sul, e ser inscrito no livro de aço na Altar da Pátria, na Praça do Três Poderes em Brasília, como pretendem muitos, sem ouvirem a voz da História, a mestra das mestras, a mestra da vida, ao invadirem a função social do historiador.

E na sua análise definir se os Jesuítas e índios eram os donos da terra missioneira ou se eram de Espanha, que as transferia a Portugal, de quem recebemos esta herança?

E analisar a atuação de Sepé Tiarajú no ataque à Fortaleza de Rio Pardo, conforme descrição de uma testemunha do Exército Demarcador de Portugal, que descreveu a 3ª Campanha dia a dia e que foi publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como Diário do Capitão Jacinto Rodrigues Cunha, no Volume 10, em 1853, de sua Revista.

O citado Capitão descreve o ataque ao Forte Jesus-Maria-José, do Rio Pardo, no dia 29 de abril de 1754, apoiado em quatro peças de Artilharia (pedreiros de taquara retovados de couro). O forte respondeu ao ataque e matou 6 índios. Sepé Tiarajú, visando conquistar o forte, deixou-se prender com 53 índios. Pretendia, no interior do forte, rebelar-se e tomá-lo aos Dragões. Mas foram desarmados e obrigados a devolver os 40 cavalos pertencentes à guarnição do forte. Sepé Tiarajú prontificou-se a devolvê-los. E deixou o forte sob guarda, a qual terminou por iludir e fugir espetacularmente, abandonando presos, como garantia de sua promessa, os seus 55 comandados, e assim, salvar a sua pele. Deles, 53 foram enviados presos para a Vila de Rio Grande. No meio da Lagoa dos Patos revoltaram-se e dominaram o barco, depois de matarem três soldados dragões, e aprisionaram o resto da guarnição no porão. Esta reagiu e fez fogo, matando 13 índios. Os restantes, em desespero, jogaram-se na água e 25 morreram afogados.

Sobreviveram só 15 índios que foram levados presos para o Rio Grande. Como julgar um chefe militar que, depois de prometer que devolveria os cavalos da guarnição do forte fugiu, deixando seus comandados desamparados.

Hoje Sepé Tiarajú está sendo usado politicamente por ser-lhe atribuída esta frase. **“Esta terra tem dono!”**. A terra, sob a Soberania de Espanha desde o Tratado de Tordesilhas, estava sendo transferida a Portugal em troca da Colônia do Sacramento, que passaria à Espanha. E esta troca foi impedida pelos Jesuítas, liderando índios missioneiros e afrontando a Espanha e Portugal que, em razão disto, expulsaram os Jesuítas do Brasil e da América Espanhola.

É difícil, à luz do Direito Internacional, admitir-se serem os Jesuítas e índios missioneiros donos dos Sete Povos. E os jesuítas dos Sete Povos causaram este enorme prejuízo, colocando por terra anos e anos de trabalho da Companhia de Jesus no Brasil e na América Espanhola.

Mas a manipulação histórica campeia vigorosa, considerando-se em certos círculos o general Gomes Freire de Andrade o destruidor dos Sete Povos e ao qual muito se deve, por suas ações governamentais, o Rio Grande do Sul hoje brasileiro.

A Sepé Tiarajú crédito o seu pioneirismo na Guerra à Gaúcha, estratégia militar do fraco contra o forte, usado pelas guerrilhas portuguesas de 1763/76, para resgatar e manter a soberania de Portugal sobre o Rio Grande do Sul, depois de ser dominado cerca de 2/5 partes por cerca de 13 anos por Espanha, em decorrência das invasões de 1763 e 1774 pelos governadores de Buenos Aires, generais Pedro Ceballos e D. Vértiz y Salcedo.

História é verdade e justiça! Votos de que o historiador César Pires Machado, aceite este desafio! Para separar Sepé Tiarajú – Mito ou lenda, de Sepé Tiarajú – História, e restaure a História do Brasil e do Rio Grande manipulada neste particular.

(x) Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e das academias Canguçuense e Piratiniense de História

#### GENGIS KHAN

Genghis Khan viveu entre 1162 e 1227 e foi o fundador do Império Mongol. Seu pai se chamava Yesukai o qual, ao vencer uma luta contra um chefe de outro clã mongól, deu ao filho (futuro Gengis Khan) o nome do derrotado, que era Temudjin. Yesukai foi envenenado por inimigos tártaros por volta de 1171. A palavra mongól vem de um antigo dialeto falado na região.

Com a morte do pai a família de Temudjin ficou na miséria. Na época, o menino tinha entre 9 e 13 anos. Ajudada pelas demais a família de Temudjuin conseguiu superar as dificuldades. Desde cedo o futuro Khan já mostrava inteligência e valor guerreiro. Da mesma forma que as outras crianças mongóis foi, desde cedo, treinado como arqueiro e cavaleiro (arqueiro montado). Com o passar do tempo Temudjin foi conquistando posições de liderança entre seus iguais, mercê dos seus dotes e atributos guerreiros e com ajuda de seu amigo Togril, Khan (chefe) da tribo dos Queraítas.

Noivo da jovem Boerte, teve sua amada raptada pelos Merkits. Temudjin procurou e derrotou um a um os raptadores, tomando-a de volta. Casou e viveu com ela até a morte. Tornou-se então conhecido e respeitado.

Em face de vitórias suas contra tribos rivais, no ano de 1206, aos 45 anos, foi proclamado como Gengis Khan, ou seja, o Khan dos khans. A partir daí, Gengis governou com muita competência, estabelecendo um sistema de governo e um conjunto de leis para impor ordem aos nômades, até então independentes e belicosos entre si. Organizou também o Exército.

Em 1208, obtém a submissão das tribos dos Merkits, dos Oirates e dos Quirguizes, conseguindo assim a unificação da Mongólia sob sua autoridade. O ponto de equilíbrio da nação passou a ser ele próprio, Gengis Khan.

Das vitórias mongólicas sob Gengis Khan as principais foram contra os Hias tibetanos, os Caraquitãs, os turcos do Khwarism, os afegãos, os iranianos (persas), os russos e os Kin chineses, quando conquistou a capital, Pequim. Nesta capital, quando viu que as muralhas tinham 12 m de altura, intransponíveis para o exército, acampou ao redor e fez um cerco, impedindo que os chineses recebessem suprimentos, tomando estes para seu exército. Resolvendo atacar, construiu catapultas e outros artefatos bélicos, conseguindo conquistar a cidade.

Durante uma outra campanha, novamente contra os Hias e Tangutes, por volta de 1227, Gengis Khan estava caçando, caiu do cavalo e foi atingido por um javali. Ferido, foi acometido por uma hemorragia interna com febre alta, mal que o levou à morte. Tinha 65 anos. Sua morte foi mantida em segredo até a sucessão ser efetivada. Sepultado na Mongólia, o local exato é desconhecido.

Antes da morte Gengis já havia nomeado seu filho Ogdei como sucessor. Deixou outros filhos: Djagathai, Djoetchi e Tului. Os filhos de Djoetchi foram Orda e Batu, este, conquistador da Rússia. Os filhos de Tului foram Arik, Mongka, Hulagu e Kublai. Hulagu foi quem destruiu Bagdá em 1258. Kublai tornou-se Khan (Kublai Khan) e foi Imperador da China.

A extensão das conquistas de Gengis Khan, da China à Pérsia, representaram mais de quatro vezes o império de Alexandre Magno e o dobro do Império Romano. A única derrota que os mongóis sofreram foi contra os búlgaros do Volga, um grupo guerreiro que já estava em transição para o sedentarismo.

Em pesquisa feita pelo jornal Washington Post, em 1995, Gengis Khan foi escolhido o personagem mais importante do milênio.

Características da Mongólia e dos guerreiros mongóis: até Gengis Khan a Mongólia não tinha um sistema de escrita; a sociedade mongol estruturou-se pelo nomadismo e contrário ao sedentarismo; nas estepes mongólicas o cavalo era tudo, de instrumento de trabalho à arte da guerra; para a guerra, o uso do cavalo pelo arqueiro montado só se desenvolveu após a invenção do estribo (na Índia), e depois introduzido na Europa pelos hunos de Átila; o camponês tinha sua vida regida pelo tempo, enquanto os pastores ligavam-se à noção de espaço; os guerreiros nômades desprezavam os sedentários e os aniquilavam; as principais criações entre os mongóis eram de cavalos e ovinos; o cavalo usado pelos mongóis era o “duplo põnei”, um animal com cerca de 1,30 m na cernelha e pesando em torno de 350 Kg, já que cavalos comuns não resistiriam às exigências de clima, combate e alimentação; cada guerreiro levava várias montarias, para muda; os mongóis não tinham uma religião organizada. Os cultos eram xamânicos, ou seja, um conjunto de crenças ancestrais; a base da alimentação era carne e leite; o leite era o de égua, agitado até fermentar, formando o *qumis*; em determinadas situações, os guerreiros mongóis tiravam um pouco de sangue de seus cavalos para tomá-lo como alimentação; com o leite de cabra fazia-se uma coalhada seca chamada *qurud*; a carne era seca ao sol e ao vento, e depois prensada; a caça servia como alimentação, mas também como treinamento para a guerra; as armas eram arcos, sabres, maças, laços, armaduras, capacetes, couraças e jaezes (para as montarias); os arcos mongóis tinham dupla curvatura, exigiam uma tensão de 80 Kg, atiravam a até 300 m e tinham uma cadência de 12 flechas/minuto; as mulheres eram escassas, o que fazia do rapto um fato comum; a lealdade era a qualidade mais valorizada por Gengis Khan; os tártaros eram turcos mongolizados; dos filhos e netos de Gengis Khan (a maioria) tornaram-se generais do Império Gengiscânida; a palavra *mongol* começou a ser usada durante Gengis Khan, em 1206; o exército mongol não tinha infantaria; durante o Império Song (chinês), inimigo dos mongóis, houve a invenção da pólvora, responsável por forte desenvolvimento técnico-militar; com a conquista de territórios chineses, a Rota da Seda caiu sob domínio mongol; a Muralha da China (seis mil Km) não foi obstáculo para Gengis Khan: em alguns lugares ele a contornou e em outros guardas chineses traidores lhe deram passagem; Gengis Khan conquistou Pequim em 1215; os mongóis influíram na formação do povo russo constituindo um traço marcante de seu caráter; Tamerlão (*Timur i Leng = Timur, o coxo*) viveu entre 1336 e 1405 e foi o conquistador, unificador e fundador do 2º Império Mongol. Pertencia à mesma estirpe de Gengis Khan.

**Nota:** o Cel Cláudio Moreira Bento, Presidente do IHTRGS em seu livro “*O Exército Farrapo e os seus chefes*” observa a semelhança do sistema de Correio da República Rio-Grandense com o correio de Gengis Khan.

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS**

